

## ÉSQUILO E “OS PERSAS”: REPENSANDO A REPRESENTAÇÃO DO BÁRBARO

*Pierre Romana Fernandes*<sup>1</sup>

### RESUMO

Ao analisar a tragédia *Persas* de Ésquilo, encenada pela primeira vez em 472 a.C., em Atenas, podemos verificar a presença de um *discurso* capaz de criar *representações* sobre o bárbaro no contexto pós-Guerras Greco-pérsicas. Através da relação do *discurso* da peça com o contexto histórico-social de Ésquilo, somos capazes de perceber prováveis indícios de *representação* dos persas vinculados aos interesses políticos de segmentos sociais que produzem sentidos dissociados da figura do bárbaro.

**Palavras-chaves:** Discurso; Representação; Ésquilo; Persas.

### ABSTRACT

By analyzing the tragedy *The Persians* by Aeschylus, first performed in 472 BC in Athens, we can verify the presence of a *speech* able to create *representations* of the barbarian in the Greco-persians postwar context. Through the theater play *speech* related to the historical and social context of Aeschylus, we are able to perceive probable evidence of representation of the Persians linked to the political interests of social groups that produce dissociated senses about the barbaric figure.

**Keywords:** Speech; Representation; Aeschylus; Persians.

As Guerras Greco-pérsicas constituíram um fenômeno decisivo e elementar na história da Hélade. O conflito entre a aliança helênica e os povos envolvidos pelo comando dos persas estabeleceu largos eixos de diferenciação social, cultural, política e étnica que

---

<sup>1</sup> Professor especialista em História Antiga e Medieval formado pelo Curso de Especialização em História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEHAM/NEA/UERJ). Artigo relacionado ao projeto de pesquisa sob a orientação da Prof. Dra. Maria Regina Candido.

podemos conferir na vasta literatura helênica produzida após as guerras. Tal produção literária alimentou a oposição entre helenos e bárbaros, criando uma visão dualista sobre o contexto histórico em que essas obras foram produzidas.

A noção de *bárbaro* não se trata de uma novidade do pensamento helênico do período pós-guerra contra os persas. Antes mesmo do século V a.C., a oposição entre helenos e bárbaros já era um hábito ideológico de polarização que marcava a cultura helênica. Podemos encontrar uma variedade de significações culturais sobre o *bárbaro* no processo histórico e literário helênico desde Homero a Heródoto (CARTLEDGE, 1993: 11). Ambos os autores e seus relatos sobre guerras em tempos distintos, foram responsáveis pela manutenção da demarcação de fronteiras culturais, que definem o *bárbaro* como aquele que pertencia a uma outra organização social e política, considerada ignominiosa para o heleno (BISPO, 2003: 8). Segundo J. K. Davies, o termo *bárbaro* fora cunhado na trilha da construção da identidade coletiva dos gregos onde a língua tornou-se elemento fundamental na identificação. No entanto, ainda de acordo com Davies, somente a partir do século V a.C., fontes literárias situadas em Atenas, como Heródoto e Ésquilo, puderam estender os eixos de diferenciação cultural da língua à outras manifestações sociais e políticas por conta do alongamento dos contatos com outros povos não-helênicos (DAVIES, 2008: 15-7.).

A obra *Persas* de Ésquilo, contemporânea a Atenas do pós-guerra, nos permite perceber a extensão da diferenciação apontada por Davies. Este documento nos possibilita identificar um *discurso*<sup>2</sup> responsável pela *representação*<sup>3</sup> do *bárbaro* em uma das instituições de caráter político, social, cultural e econômico de grande relevo para a Atenas democrática: o teatro.

Ao relacionarmos o *discurso* de Ésquilo com o contexto histórico-social em que o mesmo se encontrava seremos capazes de evidenciar parte das possíveis motivações

---

<sup>2</sup> O conceito de discurso será desenvolvido ao longo do artigo.

<sup>3</sup> O conceito de representação será desenvolvido ao longo do artigo.

e interesses que levou o autor a produzir sua obra. Sendo assim, poderemos observar que as *representações* contidas no *discurso* sobre os persas estavam vinculadas ao lugar de fala que este sujeito ocupava frente à pólis ateniense.

Ésquilo, nascido em Eleusis por volta de 525/4 a.C. e filho do aristocrata Euforion, vivenciou, por volta dos seus dezoito anos de idade, a queda da tirania em Atenas e a reforma de Clístenes (LESKY, 1990: 94). Ainda durante a reforma de Sólon, a aristocracia eleusiana incorporou-se progressivamente aos âmbitos social, político e cultural de Atenas no que diz respeito aos vínculos cívicos que se estabeleceram entre as duas cidades em meados do século VI a.C. Durante esse processo, a reforma subverteu os domínios tradicionais da aristocracia eleusiana como as demarcações de terras sagradas e os espaços exclusivos de decisão na esfera política (CANDIDO, 2013: 4). A partir de Clístenes, como nos informa Peter Jones, o regime de *demos* inseriu a cidade de Eleusis no novo formato de cidadania na Ática no final do século VI a.C., limitando a então predominante influência da aristocracia nas decisões políticas (JONES, 1997: 10). Dessa maneira, entende-se que a tradição do segmento aristocrático manteve-se pouco flexível às mudanças de caráter cívico e cultural guiada pelas reformas democráticas de Atenas. Após as Guerras Greco-Pérsicas, Ésquilo ainda vivenciou, de acordo com Vidal-Naquet, embates políticos entre grupos fomentadores da democracia e representantes do extrato aristocrático (NAQUET, 1988: 225). Devemos considerar, ainda, sua participação no combate contra os persas de Dario em Maratona (490 a.C.) e na segunda fase do conflito contra o rei Xerxes na batalha naval de Salamina (480 a.C.). O epitáfio de Ésquilo recorda com veemência sua presença em Maratona. No entanto, o que ainda nos intriga é a ausência de registros na epigrafia funerária sobre suas treze conquistas nos concursos trágicos (FIALHO, 2004: 210-11).

Ao nos atermos ao contexto social de Ésquilo, podemos compreender como as informações relatadas em sua obra foram produzidas a partir de um *discurso*. Sobre este conceito, o sociólogo Pierre Bourdieu o concebe enquanto lugar no qual se

desenrolam relações interpessoais (*sujeito/observador*) através do *ato de fala*, no intuito de transmitir valores e *práticas* (BOURDIEU, 2009: 158-9). Dessa forma, podemos empregar este conceito para caracterizar a *fala* do autor como canal de transmissão de valores e *práticas* que, inseridas no *discurso* da obra, provavelmente detêm uma intencionalidade inerente, ainda que não esteja evidente. O “não-dito”<sup>4</sup> da *fala* de Ésquilo pode nos informar as motivações que o levaram a *representar* os persas, de algum modo, como *bárbaros*. Também consideramos o conceito de *representação* a partir da obra de Bourdieu. Sobre *representação*, o sociólogo nos diz que se trata de uma imagem construída acerca de um *sujeito*, grupos ou objetos com o objetivo de explicar/interpretar *práticas* desempenhadas no meio social (BOURDIEU, 2009: 46). Tendo em vista estas considerações teóricas, somos capazes de inserir Ésquilo como *sujeito* no campo social e institucional das disputas políticas da Atenas de seu tempo. O autor estaria inserido numa *luta de representações*<sup>5</sup> entre grupos políticos antagônicos que transmitiam valores e *práticas* passíveis de significações específicas sobre o *bárbaro*, sendo o teatro seu espaço de *representação*. Pretendemos retomar a aplicabilidade histórica destes conceitos teóricos mais a frente.

Primeiramente, alguns apontamentos de caráter historiográfico são necessários para que possamos fundamentar a nossa perspectiva sobre o teatro no contexto ateniense do quinto século a.C.

---

<sup>4</sup>Termo utilizado pela linguista EniOrlandi a fim de explicar a existência de uma suposta intencionalidade não evidente num discurso. ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. SP, Pontes, 1999.

<sup>5</sup>Termo utilizado pelo historiador brasileiro Ciro Flamarion Cardoso no intuito de conceber um significado sociocultural das diferentes representações de grupos sociais em choque na sociedade. Segundo Cardoso, a luta entre grupos, ou até mesmo classes, não seria exclusivamente econômica, mas também cultural pela hierarquização da própria estrutura social a partir das representações de cada grupo. CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução – uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações – contribuição a um debate transdisciplinar*. p. 19.

Durante a primavera, os cidadãos de Atenas prontificavam-se para um de seus mais notórios festivais: as Grandes Dionísias, também chamada de Dionísias Urbanas. Esta celebração não apenas concentravam os esforços de Atenas, mas também envolvia a presença de muitos helenos de cidades que constituíam a Liga de Delos<sup>6</sup>, cuja presença indicava o pagamento de tributos a Atenas. Durante alguns dias, tragédias e comédias concorriam no teatro diante de atenienses, helenos de outras cidades, estrangeiros e até mesmo escravos. A tônica da festividade era a celebração do deus Dioniso. Cada rito praticado durante o festival nos remete à percepção das atribuições desse deus na sociedade ateniense. As Grandes Dionísias concentravam no espaço urbano os objetos de culto que conferiam uma religiosidade de caráter políade compartilhada pelos cidadãos e que, em sua trajetória festiva, orientavam os valores cívicos da *pólis*.

Segundo Isabel Castiajo, a figura responsável pelas celebrações do festival era o arconte-epónimo, que tinha a seu cargo os custos da *pompé* e dos concursos dramáticos. Uma das primeiras funções do arconte-epónimo era a seleção do *choregos*, elemento fundamental para o sucesso dos poetas em competição. A

---

<sup>6</sup> A vitória helênica sobre os persas nas batalhas de Salamina (480 a.C.) e Plateia (479 a.C.), motivou a criação de uma Liga ou Confederação de cidades helênicas, entre 478 e 477 a.C., sob a liderança de Atenas, e que pretendia continuar lutando e defendendo o território helênico contra as mínimas ocupações persas que ainda se faziam presentes. Inicialmente, a Liga se definia como uma aliança militar que previa a autonomia para as cidades participantes, reservando a Atenas o comando das operações. O poder de decisão da Liga foi conferido a um conselho deliberativo entre as cidades membros, no qual Atenas tinha um papel preponderante, mas não exclusivo. A contribuição das cidades aliadas para o esforço de guerra contra os persas se davam de duas maneiras: as cidades maiores participavam com navios de guerra e combatentes, enquanto as cidades de menor porte, que não enviavam embarcações, contribuíam com o pagamento de um tributo para o tesouro da Liga, que ficava localizado no templo de Apolo, na ilha de Delos, e administrado por dez magistrados atenienses. Os recursos militares da Liga foram utilizados na Batalha de Eurimendonte, em 468 a.C., quando o general ateniense Címon expulsou os persas do mar Egeu combatendo os navios fenícios que ainda restavam do poderio naval persa desde a expedição de Xerxes. Até 462 a.C., a Liga exerceu uma atividade essencialmente marítima, apoiada na hegemônica frota ateniense desde a vitória em Salamina. GUARINELLO, Norberto Luiz. *Imperialismo Greco-Romano*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1994. pp. 14-16.

nomeação do *choregos*, certamente, recaia sobre os cidadãos mais ricos porquanto seu papel era o de assumir os gastos decorrentes do espetáculo teatral (CASTIAJO, 2012: 20).

Mesmo na sociedade ateniense em franco processo de institucionalização da prática da *isonomia*, a primazia desses homens de altos recursos na organização do festival e das peças teatrais nos permite verificar que a riqueza material não poderia ser menosprezada como elemento determinante nas relações políticas da *pólis*. O historiador Guilherme Moerbeck, ao analisar a função do teatro na sociedade ateniense, afirma que o controle de recursos econômicos distingue a forma de participação dos cidadãos nas instituições políticas e jurídicas, tendo os cidadãos mais abastados o domínio de cargos como o arcontado (MOERBECK, 2007: 35-8). Apesar da reforma de Clístenes, esses cidadãos continuam exercendo liderança social e política frente à *pólis*.

A partir dos apontamentos de Castiajo e Moerbeck, torna-se possível compreender que mesmo numa sociedade democrática, os homens de altos recursos gozavam não apenas de prestígio político, mas ocupavam instituições que, por meio do financiamento, organizavam os espetáculos dramáticos e contribuíam para a construção do *discurso* trágico através das suas *representações* acerca das temáticas que norteavam a *pólis* ateniense. A historiadora Maria Regina Cândido nos informa sobre a importância do *discurso* produzido pela tragédia como via de compreensão da função social do teatro. Para Cândido, a tragédia emite uma mensagem a ser decodificada necessariamente através da análise do *discurso*, pois o poeta trágico não está comprometido com a verdade dos fatos, mas com a estética da poesia vinculada à tradição mítica (CANDIDO, 2005: 625).

O teatro ateniense teria como uma de suas principais funções servir como um mecanismo de difusão de ideias e interesses políticos. Em medida que a democracia, enquanto forma de governo, se consolidou em Atenas, o teatro foi utilizado como uma

forma de entretenimento social para a população, mas também um espaço de *representação* dos sujeitos políticos.

De fato, *Persas* de Ésquilo nos denota a estética poética que infere acontecimentos de caráter atemporal, como diz Cândido. No entanto, de acordo com B. N. W. Knox, a peça, embora pertença à tradição poética, retrata uma realidade contemporânea ao mundo helênico e principalmente a Atenas: as Guerras Greco-Pérsicas e o desfecho do enfrentamento naval na Baía de Salamina, do qual Ésquilo e, certamente, parte significativa do público esteve presente (KNOX, 2008: 273). Segundo Poulheria Kyriakou, “*é a primeira tragédia sobrevivente (472 a.C.) e é a única sobrevivente com assunto histórico: a recepção persa da notícia da catástrofe em Salamina de 480 a.C. e o regresso a casa do rei Xerxes derrotado*” (KYRIAKOU, 2011: 17). Para Kyriakou, *Persas* incita uma reflexão sobre a condição da cidadania ateniense de seu tempo em oposição à barbárie dos persas durante a campanha de Xerxes. Sendo assim, Ésquilo poetizou a tragédia persa em Salamina conferindo-lhes a *representação de bárbaro* a partir da singularidade de suas ações que culminaram no conflito naval contra os atenienses, tendo como causa crucial da derrota persa o descomedimento frente aos deuses. *A hybris*.

Em razão da percepção ateniense de Ésquilo numa tragédia que envolve personagens persas, Knox ressalta que a obra não expõe ódio ou desprezo aos persas invasores e evita transparecer a desunião entre helenos na Guerra, embora muitas cidades tenham aderido à causa persa (KNOX, 2008: 273). Nesse caso, os sujeitos trágicos são os próprios persas, que, segundo J. P. Vernant, proporcionam o cenário de tensão, de drama: instigam a reflexão sobre conflitos inerentes aos valores fundamentais do passado em íntima relação com os ideais cívicos do presente da *pólis* (VERNANT, 1988: 10). Por essa razão, Kyriakou afirma que *Persas* é protagonizado por personagens persas sob o prisma dos valores atenienses implícitos (KYRIAKOU, 2011: 21).

Ao observarmos os estudos<sup>7</sup> sobre *Persas*, verificamos um consenso: Ésquilo constrói a imagem do persa segundo os valores atenienses e define um cenário de conflito entre as ações sobressalentes dos sujeitos trágicos e os ideais da vida *políade*. Em função dessa perspectiva, *Persas* estagnaria na dualidade estanque entre *bárbaros* sujeitos à bancarrota e atenienses conscientes dos valores da comunidade cívica em meio à estruturação social da democracia. Devemos considerar, como elemento fundamental que sustenta essa perspectiva, que o *choregos* responsável pela peça foi o jovem Péricles, que se tornaria um dos cidadãos de maior influência na defesa dos valores democráticos na *pólis* ateniense. Com isso, verificamos que o *discurso* de Ésquilo em *Persas* teria contribuído para a *representação* do persa enquanto *bárbaro* por meio de suas ações desmedidas, traçando, sob o prisma da cidadania ateniense, o ideal de vida dedicada aos princípios cívico se atentando para os possíveis distúrbios políticos e sociais resultantes da *hybris*. Por esse consenso, o *discurso* de Ésquilo na obra corresponde aos interesses de grupos políticos defensores da ordem *políade* sob a égide da democracia.

Podemos encontrar diversas referências a esse modelo de observação.

Na perspectiva de Ana Paula Sottomayor, o principal elemento de diferenciação dos helenos para com outros povos, no curso das guerras contra os persas, era a liberdade condicionada pelas leis da *pólis*. Segundo Sottomayor, por meio do sonho da rainha Atossa (vv. 181 – 200), Ésquilo pretendia expor o temor helênico sobre dominação estrangeira. Além disso a autora nos chama a atenção para um comentário

---

<sup>7</sup>Para este trabalho nos concentramos em estudos e apontamentos sobre alteridade e identidade entre helenos e persas no teatro ateniense e na tragédia de Ésquilo, como os dos historiadores anglo-americanos Paul Cartledge, A. R. Burn, B. M. W. Knox, J. K. Davies; das historiadoras francesas Nicole Loraux e Catherine Peschanski; linguistas e historiadores portugueses como Jorge Deserto, Ana Paula Sottomayor, Maria do Céu Fialho e Maria de Fátima Silva; historiadores brasileiros como Guilherme Moerbeck, Maria Regina Candido, Cristiano Bispo. A contribuição de cada autor ou autora foi fundamental para uma noção geral sobre as possibilidades de renovação historiográfica na investigação da Pérsia antiga por meio da documentação helênica.

do coro acerca das motivações atenienses no combate: quando a rainha questiona o coro sobre a liderança que conduz o exército ateniense (v. 241), o coro responde que “*eles não são escravos nem súditos de ninguém*” (v. 242). Para Sottomayor, os referidos trechos permitem verificar a dualidade contrastante entre helenos e bárbaros através da distinção entre liberdade e servilismo. Nessa perspectiva, a *representação* da monarquia persa projeta a barbárie no sentido da opressão e do centralismo político, diferenciando-se de um ideal comum helênico: a liberdade (SOTTOMAYOR, 1974: 43-5).

O historiador Paul Cartledge<sup>8</sup> ratifica a perspectiva da dualidade entre helenos e bárbaros considerando, como Sottomayor, o pan-helenismo presente na produção literária, sobretudo em Ésquilo. Para Cartledge, as Guerras Greco-Pérsicas foram as catalisadoras na construção do “outro” por meio do estereótipo depreciativo “inventado” pelos escritos acerca da derrota persa no conflito (CARTLEDGE, 1993: 11). Os valores helênicos ressaltados nas obras pós-guerra, segundo Cartledge, tinham apelo de “propaganda” reverenciadora da vitória helênica (CARTLEDGE, 1993: 39). Para o autor, embora haja referência à relevância de Atenas no conflito, a descrição do *bárbaro* possibilitou a criação de sentidos para a adesão de cidades à Liga pan-helênica comandada por Atenas contra a suposta ameaça persa. Por esse viés de análise, Paul Cartledge defende a perspectiva da definição coletiva do *bárbaro* através de valores eminentemente helênicos, ratificando a condição de barbarismo dos persas na síntese da identidade helênica, sujeitando, paralelamente, a *pólis* ao lugar comum das *representações* do *bárbaro*, corroborando os estudos da historiografia francesa sobre o assunto.

As historiadoras Nicole Loraux<sup>9</sup> e Catherine Peschanski<sup>10</sup> destacam-se no estudo da *pólis* como espaço comum na *representação* do “outro”. Estas autoras

---

<sup>8</sup>CARTLEDGE, Paul. *The Greeks: a portrait of Self and Others*. New York: Oxford University Press, 1993.

<sup>9</sup>LORAU, Nicole. *A cidade grega pensa o um e o dois*. IN: CASSIN, Barbara (org.). *Gregos, Bárbaros,*

colaboram com a perspectiva da formação da *identidade* coletiva dos atenienses através das formas definidas do *bárbaro* nos esquemas literários a partir do século V a.C. No processo de formação da democracia ateniense, segundo as autoras, a produção literária ateniense elaborou o ideário da diferenciação com povos não-helenos segundo os *nomoi*: a forma da vida cultural emana do eixo de organização política e social da cidade. Sendo assim, a *pólis* ateniense conservaria sua organização peculiar por meio do conjunto de propostas cívicas assentadas, sobretudo, no exercício comum da oralidade nas instituições democráticas. Em suma, a forma homogênea da cidadania ateniense tem na *pólis*, o espaço limítrofe e comum da oposição entre heleno e *bárbaro* (LORAUX, 1993: 77-80) (PESCHANSKI, 1993: 66-7).

Em termos de *representação* presente em seu estudo, Nicole Loraux ainda enfatiza que a *pólis* *representa* o “outro” de acordo com a *representação* que constrói de si mesma. A imagem do *bárbaro* advém da *representação* dos valores cívicos conjugados no sentido de uma *identidade* ateniense una e adversa ao “outro”. Nesse caso, Loraux situa as tragédias, celebradas nas Grandes Dionísias, no espaço das *representações* ideais em virtude da estabilidade e do equilíbrio social no interior da *pólis*. Por meio deste objetivo, a tragédia *representa* as práticas culturais e políticas do *bárbaro*, contrárias aos valores *políades*, como via segura de garantir o ideal do exercício cívico ateniense nas várias dimensões da *pólis* (LORAUX, 1993: 75-7).

Nos mesmos apontamentos de Loraux, podemos verificar precedentes para se discutir o espaço da *pólis* por vias da homogeneidade nas decisões e *representações*. Presente na dinâmica decisória das assembleias em Atenas, a *diáphora*<sup>11</sup>, instala o

---

*Estrangeiros. A Cidade e seus outros*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

<sup>10</sup>PESCHANSKI, Catherine. *Os Bárbaros em confronto com o tempo (Heródoto, Tucídides, Xenofonte)*. IN: CASSIN, Barbara (org.). *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros. A Cidade e seus outros*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

<sup>11</sup>Segundo os estudos de Nicole Loraux, *diáphora* está relacionado à diferença ou discórdia no livre

processo da discórdia política, da divisão em opiniões adversas e antagônicas entre grupos em conflito na democracia ateniense, à saber: a cisão *olígoi* e *polloí*<sup>12</sup>. Ainda ressaltando um estado provável de antagonismo, Loraux persiste no conceito de construção da simetria ou da homogeneidade entre os grupos políticos em conflito sob a ótica da *stásis*<sup>13</sup> presente na documentação textual em princípios do século V a.C. Do estado de adversidade intercambiável entre os grupos políticos deriva, segundo Loraux, o termo *homoioi*, ou seja, o “outro” pensado num campo político (LORAUX, 1993: 90). Desse termo, torna-se possível compreender que o “outro” no discurso político de um dos grupos nem sempre reside às margens da *pólis*: quando se opera a oposição entre os grupos nas assembleias, o “outro” resulta da *representação* dos valores do grupo antagônico.

Considerando o contexto social dos autores atenienses do quinto século e a instauração do regime de *demos* pela reforma de Clístenes, a democracia em Atenas levou membros das famílias aristocráticas ao declínio político. De fato, com a ampliação da participação política entre os cidadãos atenienses, os homens provenientes das famílias abastadas foram levados a abrirem mão de parte de suas funções, permitindo que o *demos* deliberasse acerca de diversos aspectos legais e participasse das atuações políticas no interior da *pólis*. Entretanto, também devemos

---

exercício da fala em assembleia. LORAUX, Nicole. *A cidade grega pensa o um e o dois*. IN: CASSIN, Barbara (org.). *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros. A Cidade e seus outros*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 82.

<sup>12</sup>Segundo Joseph Ober, *olígoí* pertence à nomenclatura política grega e significa “poucos”, isto é, o poder e a vontade dos poucos. No que se refere à *polloí*, significa “muitos”, portanto, o poder e a vontade da maioria. OBER, Joseph. *The Original Meaning of “Democracy”: Capacity to Do Things, not Majority Rule*. *Constellations*, Vol. 15, No. 1 (2008), pp. 3-9

<sup>13</sup>De acordo com Peter Jones, a *stásis* (conflito civil interno) era endêmica no mundo grego (Atenas só passou por ela duas vezes, em 411 e 404) e pode-se entendê-la melhor pensando-a como ação de grupos descontentes de indivíduos que viam sua própria condição social ameaçada por outros. JONES, Peter V. *O Mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 145.

nos atentar sobre influência dos oligarcas junto à sociedade ateniense, que se manteve no decorrer do século V a.C., e somente em algumas poucas ocasiões os mesmos tentaram efetuar um “golpe” político. Sobre esse contexto, podemos questionar os modelos de observação acerca das *representações* de dualidade entre helenos e *bárbaros* apresentados anteriormente. Voltemos a uma análise mais precisa entre a relação do *discurso* contido em *Persas* com o contexto social e político de Ésquilo no viés da concomitância dessa relação com os supostos indícios de intencionalidade nas *representações do bárbaro*.

Podemos encontrar diversas interpretações acerca das *representações do bárbaro* na obra de Ésquilo sob o prisma da cidadania e da democracia<sup>14</sup>. No entanto, também é possível nos determos, ainda que parcialmente, em uma outra interpretação sobre as *representações do bárbaro* em *Persas*.

Nos chama a atenção o tratamento dado ao conselho de anciãos que abriga o palácio real na ausência de Xerxes. Em dois trechos distintos da peça, podemos verificar, sob o olhar de Ésquilo, o papel de prestígio gozado por esse grupo na esfera política e social da Pérsia. Ao partir para a guerra, o coro de anciãos ratifica sua autoridade frente ao rei alegando que “foi Xerxes, nosso rei e senhor, filho de Dario, quem em atenção à nossa dignidade de anciãos, nos escolheu para velar pelo país” (v.5). Em seguida, dada a aparição da rainha Atossa, a mesma relata seus receios sobre a expedição de Xerxes frente aos anciãos e sua fala parece legitimar o poder desse grupo: “Sendo, pois as coisas como são, aconselhai-me sobre estas matérias, Persas,

---

<sup>14</sup>A historiografia estudada e analisada para a composição deste trabalho, descrita anteriormente, na medida em que analisa as motivações de Ésquilo na elaboração da obra em questão sob os conceitos de alteridade e identidade, persiste em situar a tragédia no contexto da valorização dos ideais da pólis ateniense na construção da democracia. Esses autores, a via de regra, apontam as intenções de Ésquilo no curso da idealização do sistema democrático, da liberdade e identidade ateniense, o solo e as próprias raízes no passado, bem como o âmbito sagrado dos próprios deuses. Nosso trabalho propõe uma investigação pelo viés do discurso e da representação objetivando a busca de resultados diferentes no que se refere às motivações de Ésquilo em seu contexto histórico.

*meus velhos e fiéis servidores: só de vós espero um conselho sincero*” (vv. 170-173). Decerto, Ésquilo posicionou o conselho de anciãos num plano de relevo das decisões da corte persa. Nesse sentido, cabe a rainha e aos anciãos o poder legítimo da monarquia persa. Essa composição de poder, consideravelmente aristocrática, é *representada* como uma fonte lúcida e autêntica de comando político.

Recorrentemente, atribui-se a legitimidade à tradição criada pelo antecessor de Xerxes: rei Dario. Justamente na imagem de Dario reside uma possibilidade de interpretação da monarquia persa na peça de Ésquilo.

Em diversos trechos podemos encontrar alusões ao rei Dario como autor responsável pela grandeza do império persa, sobretudo nos versos que marcam a aparição do monarca (v. 164; vv. 551-555; vv. 640; v. 643; v. 650; v. 655; v. 660; v. 711; v. 855; v. 860). Através da figura de Dario, Ésquilo *representa* o passado do império persa a um período áureo e abundante como resultado da fidelidade do rei às tradições. Não se trata de diferenciar e *disforizar*<sup>15</sup> a monarquia persa frente à construção da democracia ateniense: a exposição de Ésquilo, nestes trechos, *euforiza* valores e *práticas* condizentes com a tradição aristocrática quando *representa* na monarquia persa sob o comando de Dario num passado enfaticamente distante dos tempos da *hybris* de seu filho Xerxes.

Considerando esses aspectos, podemos verificar a legitimidade conferida ao Conselho de Anciões e ao governo de Dario *representada* pelos valores aristocráticos flutuantes no *discurso* de Ésquilo.

Segundo Eni Orlandi, no *discurso* encontra-se a linguagem capaz de produzir sentidos produzidos por sujeitos ou por um grupo de sujeitos num determinado

---

<sup>15</sup>Como nos esclareceram os linguistas Algirdas Greimas e Joseph Courtés, o ato de disforizar reside na valorização de um microuniverso semântico, no intuito de desqualificar as práticas socioculturais de um grupo, enquanto euforizar significa a qualificação de práticas socioculturais. GREIMAS, Algirdas J.; COURTES, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1987, p.130.

contexto histórico. Seria por intermédio do *discurso* que os valores preconizados por um grupo de sujeitos podem se manifestar conforme a necessidade do meio social (ORLANDI, 1999: 17). Sendo assim, o *discurso*, de acordo com Pierre Bourdieu e convergindo com Orlandi, transmite os sentidos capazes de legitimar valores e *práticas* associados ao poder de um segmento social que, por sua vez, evidencia a transmissão de sentidos socioculturais através das *representações* (BOURDIEU, 2009: 51-2). Bourdieu nos afirma que a *representação* seria uma construção social estabelecida por um sujeito, ou todo um segmento da sociedade, para explicar as práticas e as relações desenvolvidas em um meio social. Por conseguinte, Bourdieu ainda afirma que a representação apenas se torna possível graças ao contato existente entre o sujeito e o objeto, pois assim o mesmo pode fornecer sentido à realidade em que se encontra (BOURDIEU, 2009: 46).

Sabemos que Ésquilo não obteve contato efetivo com a Pérsia, e sim o fez através de sua experiência nas guerras como combatente em Maratona e Salamina. Não obstante, sua obra salta aos nossos olhos como uma vivência da guerra: somente através da guerra e da ameaça persa Ésquilo obteve a oportunidade de contatar persas e outros povos envolvidos no conflito. Não há dúvidas de que em virtude da ameaça eminente Ésquilo valorizou os sentidos da helenidade. No entanto, a exaltação da helenidade acabou por refletir a imagem do “outro”, considerado o *bárbaro*. Como visto acima, os sentidos produzidos no *discurso* através da *representação* do *bárbaro* exprime as escolhas de valores concernentes à manutenção do poder de um determinado segmento social.

Entendemos que o lugar de *fala* de Ésquilo esteve próximo dos segmentos aristocráticos e provavelmente de origem eleusiana, integrada ao regime de *demos* na Ática após a reforma de Clístenes e tendo Atenas como centro das instituições decisórias.

Os apontamentos do historiador Chester Starr sobre o contexto social de Atenas na primeira metade do século V a.C. nos permite estabelecer uma relação concomitante com o *discurso* da peça. Segundo Starr, a formulação das instituições democráticas no início do século V a.C., em suas primeiras décadas, dois grupos políticos se elevam: um grupo de origem aristocrática e mais conservador tendo Aristides como figura de destaque; e um grupo favorável às mudanças democráticas e mais próximo do ideal cívico e coletivo da *pólis* com destaque para a figura de Temístocles. Nesse período, como frisa Starr, na medida em que a assembleia obtém maior legitimidade, cria-se o mecanismo do ostracismo e, Aristides, em 482 a.C., fora ostracizado por influência direta de Temístocles (STARR, 2005: 40). A partir daí, Temístocles tornou-se a principal referência política de Atenas entre as forças que iriam combater a invasão persa comandada pelo rei Xerxes. A vitória helênica nas batalhas de Salamina e Plateia motivou, em Atenas, a criação da Liga de Delos por meio da influência marítima alcançada pela frota ateniense, com a contribuição política de Temístocles (GUARINELLO, 1994: 14). Aristides se fez representante da criação da Liga em 478/7 a.C. assumindo as responsabilidades na composição da aliança naval. A partir dos primeiros resultados históricos da Liga até a metade do quinto século, Starr nos chama a atenção para um “*reflorescimento do conservadorismo em Atenas*” (STARR, 2005: 40).

As pretensões da Liga dividiram as duas principais responsáveis pela vitória helênica contra os persas: Atenas e Esparta. No entanto, de acordo com a classicista portuguesa Maria do Céu Fialho, na ocasião em que *Persas* foi apresentado, em 472 a.C., o general Címon, filho de Milcíades, o comandante das forças atenienses em Maratona, desbancava como figura influente dos grupos políticos aristocráticos e defendia a aproximação entre Atenas e Esparta, visto a necessidade de restabelecer a unidade helênica contra a ameaça persa, enquanto Temístocles propunha a liderança da força ateniense contra uma provável querela espartana (FIALHO, 2004: 224-5).

Corroborando com os apontamentos de Fialho, o historiador Norberto Luiz Guarinello acrescenta que Címon liderou os ataques que expulsariam definitivamente os persas do mar Egeu no combate ativo a armada fenícia inibidora das atividades comerciais marítimas (GUARINELLO, 1994: 16). O êxito da liderança de Címon em Atenas pode ter contribuído decisivamente para o predomínio dos grupos aristocráticos nas décadas de 470 e 460 a.C., sobretudo, para o ostracismo de Temístocles.

Ao analisarmos o *discurso* de Ésquilo em *Persas*, percebemos que os valores aristocráticos invocados no Conselho dos Anciãos e na autoridade monárquica de Dario podem estar firmemente associados ao contexto histórico de Atenas do pós-Guerras Greco-pérsicas. Ésquilo tende a *representar* como *bárbaro* o rei Xerxes e os desfechos políticos e militares do seu tempo enquanto agente responsável pela *hybris*, diferenciando-se de um outro escopo persa vinculado à figura de Dario. Portanto, podemos considerar, ainda que parcialmente, a *representação* do *bárbaro* em *Persas* ligada aos valores e *práticas* dos segmentos aristocráticos atenienses que correspondiam ao lugar de *fala* de Ésquilo frente a *pólis* ateniense. Em suma, no decorrer da luta política entre grupos aristocráticos e grupos favoráveis à democracia na primeira metade do quinto século a.C., Ésquilo pôde ter transmitido, através do seu *discurso*, os valores simbólicos preconizados pelos segmentos aristocráticos que materializou-se a partir das *lutas de representação* na esfera das instituições políticas de Atenas. Por essa razão defendemos a perspectiva de que o *discurso* construído pelo referido autor correspondia aos interesses do segmento social do qual fazia parte e que, devido a emergência do regime democrático em Atenas, acabou posicionando-se na busca pela representatividade política.

Por meio desta análise verificamos a possibilidade de reinterpretar a obra *Persas* de Ésquilo por meio do arcabouço teórico de *discurso* e *representação*, esquivando-se do viés convencional, geralmente capitaneado pela historiografia

francesa, de análise da tragédia ateniense como viés de formação da identidade ateniense em detrimento do “outro”.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL**

ÉSQUILO. *Persas*. Trad.: Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1998.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BISPO, Cristiano. *As Guerras Médicas: Proximidade de fronteiras étnicas e geográficas entre atenienses e etíopes nos séculos VI e V a.C.*. In: Revista Mirabilia nº 3 ano 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. Trad.: Maria Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas linguísticas*. In: ORTIZ, Renato (org.).

Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

CANDIDO, Maria Regina. *Teatro, Memória e Educação na Atenas Clássica*. IN: LESSA, F. S; BUSTAMANTE, R. M. C. (orgs) *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sólon e as fronteiras sagradas da região de Eleusis*. In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História ano 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução – uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações – contribuição a um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papiros, 2000.

CARTLEDGE, Paul. *The Greeks: a portrait of Self and Others*. New York: Oxford University Press, 1993.

CASTIAJO, Isabel. *O Teatro Grego em Contexto de Representação*. Coimbra: IUC, 2012.

DAVIES, J. K. *The Greece After the Persian Wars*. In: The Cambridge Ancient History nº V. Cambridge University Press: Cambridge, 2008.

- FIALHO, Maria do Céu. *Os Persas de Ésquilo na Atenas do seu tempo*. In: Revista Máthesis nº 13 ano 2004.
- GREIMAS, Algirdas J.; COURTES, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- JONES, Peter V. *O Mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KNOX, B. N. W. *Athenian Religion and Literature*. In: The Cambridge Ancient History nº V. Cambridge University Press: Cambridge, 2008.
- KYRIAKOU, Poulheria. *The Past in Aeschylus and Sophocles*. Berlin: De Gruyter & Co., 2011.
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- LORAU, Nicole. *A cidade grega pensa o um e o dois*. IN: CASSIN, Barbara (org.). *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros. A Cidade e seus outros*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- MOERBECK, Guilherme Gomes. *A forma, o discurso e a política. Gerações da tragédia na Atenas do século V a.C.* Departamento de História. Universidade Federal Fluminense. 2007.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. SP, Pontes, 1999.
- PESCHANSKI, Catherine. *Os Bárbaros em confronto com o tempo (Heródoto, Tucídides, Xenofonte)*. IN: CASSIN, Barbara (org.). *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros. A Cidade e seus outros*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- SOTTOMAYOR, Ana Paula. *O anonimato dos bravos de Salamina nos 'Persas' de Ésquilo*. Humanitas: Coimbra, 1974.
- VERNANT, J-P e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988